

Os primeiros contatos só foram feitos ao chegar em Pádua, quando ficamos sabendo de uma apresentação de dança que iria acontecer no mesmo dia no Teatro Municipal da cidade e que nesse espaço estariam Nico (liderança da comunidade de Pádua) e o professor Hélio e sua esposa, Celina (idealizadores do encontro de jongueiros). Assistimos ao espetáculo e marcamos as entrevistas.

A primeira foi realizada na casa do professor e sua esposa, que contaram sua trajetória com a música e como chegaram ao jongo. Chamou-me atenção o fato de como se envolveram com o ritmo na busca de uma autenticidade brasileira, argumentando que, embora a manifestação exista e continue se alterando com a presença da tevê e sua massificação, talvez seja mais fácil de ser encontrada na roça (como o professor afirma várias vezes). Pensando em preservar a tradição, teve a idéia de criar um encontro de jongueiros; cita, aliás com muita ênfase, o encontro do Rio de Janeiro, nos Arcos da Lapa, e afirma ter utilizado o local de propósito, como jogada de *marketing*.

Outro fato que me chamou bastante atenção foi a diferença relatada entre jongo e caxambu – segundo o professor, no jongo existem dois dançadores solistas, já no caxambu uma única pessoa entra na roda. Por outro lado, afirma que ambos estão relacionados à questão regional e econômica, o caxambu estaria ligado ao café, e o jongo mais à cana-de-açúcar.

Para a entrevista com Aparecida Ratinho, líder comunitária da comunidade de Miracema, chegamos no dia seguinte ao da Ladainha de Santa Luzia. O que mais me impressionou sem dúvida alguma foi o altar com imagens e velas, e decorado sobretudo com plantas, que completavam harmonicamente a beleza do altar. O sincretismo religioso fica evidente em sua fé: ora busca separar o caxambu de sua religiosidade, ora nos conta sobre suas festas do Divino, ora nos leva para conhecer o centro espírita que dirige junto a seus orixás, caboclos e pretos velhos.

Aparecida Ratinho, diferente do professor Hélio, informa que caxambu é o nome da dança e do instrumento, e que jongo é o nome do ponto cantado. Sendo assim, segundo ela, jongueiro é quem puxa o ponto e dançarino todos os outros.

Boa parte da entrevista se dá pela narração de casos e curiosidades a respeito de sua vida, destacando como fato muito interessante a história de uma amarração de jongo feita em uma roda, a qual viemos descobrir, em entrevista posterior, que foi na comunidade de Santo Antônio de Pádua.

Em Pádua, aliás, a dinâmica foi outra: Nico buscou reunir para nosso trabalho o maior número de pessoas possível. Estavam lá Claudionor (que, de acordo com Nico, é quem tem uma vivência mais próxima com o caxambu, na medida em que ele tem tradição familiar com o mineiro-pau), a família de Nico (esposa e filhos) e amigos da comunidade.

Puxaram, tocaram e dançaram vários pontos, e foram explicando para nós a origem, o significado, as experiências com outros grupos, etc. De tudo o que relataram, destacamos a explicação para a lenda da bananeira. Nico nos conta que assim como o jongo é feito por meio de enigmas, essa mesma característica ocorre com a imagem da bananeira: umjongueiro entra na roda e lança um desafio a outro, e aí está a história de desatar o ponto. Esse ponto fica sendo repetido até que o outro desate o nó (o que corresponde a plantar a bananeira e esperar que ela cresça.); enquanto essa bananeira cresce e dá seus frutos (tempo em que o ponto não é desatado), o jongueiro fica em suspensão ou, como dizem, amarrado. E, caso ele ou alguém de sua comunidade não consiga desatar o nó, o jongueiro se cala ou chega mesmo a sair da roda. Dão como exemplo a mesma história relatada por Aparecida Ratinho (e só então viemos a perceber que os dois grupos se referem ao mesmo fato).

Percebemos que, embora ocorram os desafios, uma atitude de respeito permeia ambos os grupos, nos quais também fica evidente a relação do jongo com divertimento, tendo brincadeira sido um termo muito utilizado. O improviso e o fortalecimento dos laços sociais estão muito presentes, assim como a preocupação de que o jongo caxambu não se acabe.